

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim.	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	4.5000	1 § 900	8950	5120
Possessões ultramarinas (idem)		2 § 000	-8-	−5−
Extrang, (união geral doscorreios)		2 § 500	-8-	−6−

20.° Anno — XX Volume — N.° 676

10 DE OUTUBRO DE 1897

Redacção - Atelier de gravura - Administração

Lieboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Oc-CIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A tão discutida viagem da familia real ao Al-

garve realisou-se emfim.

Ha tresentos e alguns annos, desde janeiro de 1576, que o velho reino, ultima conquista dos por-tuguezes aos moiros, não abrigava o rei dentro

das suas fronteiras. È uma das mais bellas, das mais ricas provin-

cias de Portugal.

Desde que o comboio entra em Messines, depois de, por muitas horas, em curvas apertadas,
por altas trincheiras, ter percorrido a serra, onde
sobreiros crescem no matto altissimo, a paizagem
mudou, a vista alarga-se, começa aquella região
enorme, toda cultivada, fertilissima, que se estende em plano suave desde a serra ate ao Oceano.
São os renques de figueiras, as amendoeiras vicosas, que com os seus ramalhetes brancos pri-

São os renques de figueiras, as amendoeiras viçosas, que com os seus ramalhetes brancos primeiro annunciaram a primavera, as velhas alfarrobeiras estendendo até ao chão os braços retorcidos, as vinhas, ha poucos dias ainda verdes, e agora pondo um tapete d'oiro nas encostas. Sobre a paizagem serena, serenissimo o céo, cintado d'oiro, durante a hora do crepusculo. São lindas as tardes no Algarve, onde a natureza canta pianissimo um schezzo delicioso. Os perfumes maritimos sobem até alto pelas encostas e o oiro do poente vai esmorecendo n'uma côr verde de transição, viva, scintillante, até ao azul intenso do alto céo.

Nos dias claros, a barlavento, é soberbo e magestoso o fundo da paizagem. A serra de Monchi-que ergue alto os cones azulados sobre o tapete erde, escrinio, riquissimo, onde alvejam as casarias.

Lagos, Alvôr, Villa Nova de Portimão, Silves, Lagôa, Ferragudo, todas essas villas e cidades, gozam d'esse panorama esplendido.

A Rocha de Villa Nova, com as suas casarias entre os vinhedos, muitas d'ellas conservando o typo algarvio, com os seus terraços e chaminés arrendadas, amoraveis e risonhas, é dos mais bellos logares do mundo e, como poucos, prestandose para ser transformado em deliciosa estação de inverno.

Faro é uma bella cidade, contendo verdadeiras preciosidades architectonicas do ultimo seculo. Seus arredores são belissimos: Santa Barbara de Nexe um verdadeiro encanto; Estoy, cheio de recordações dos romanos; Santo Antonio, um dos maravilhosos pontos de vista existentes na provincia

vincia.

A estrada que segue de Faro até Olhão vai por entre successivas quintas admiravelmente tratadas, com aquelle excessivo carinho que o algarvio tem pela terra. Hortas fresquissimas, poços, noras, aqueductos caiados, alegres moradias, sombras de parreiras extensas.

Seria curioso comparar a viagem do rei actual e a recepção que lhe vae ser feita, com a jornada d'El-Rei D. Sebastião e os festejos com que foi celebrada pelos povos do Baixo Alemtejo e Algarve.

Sahiu El-Rei D. Sebastião de Evora, conta o coronista Cascão, em 2 de Janeiro de 1576, pelo caminho de Vianna, onde primeiro descançou.

Acompanhava-o o Infante D. Duarte e o Duque

de Aveiro, muitos fidalgos e moços fidalgos, as-

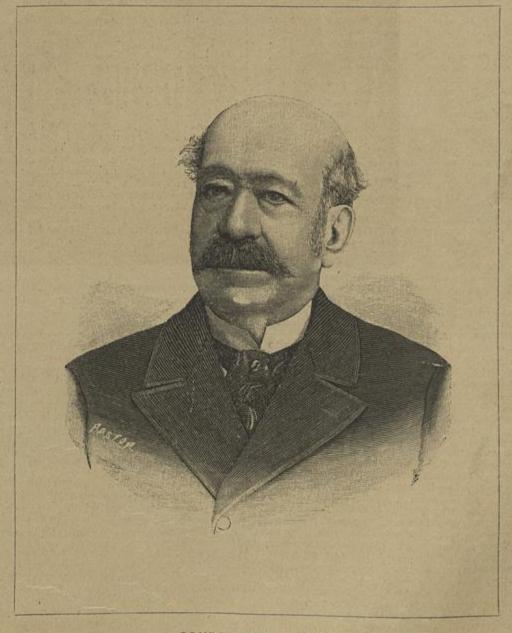
sim da casa d'El-rei como da do Infante. Foi El-rei atravessando as vastas charnecas, cacando lebres e garças. Em todas as terras era re-cebido por danças e folias, umas melhores, outras peores. De quando em quando, as difficuldades cresciam de modo no caminho, que nos lembram involuntariamente as peripecias das actuaes tra-vessias em Africa. Passavam-se os rios a vão e a enxurrada batia nos ventres dos cavallos; as aze molas carregadas atascavam-se em lameiros. Iam ás vezes todos encharcados pelas aguas da chuva e dentro das casas aprestadas, em que procura-vam abrigo, chovia tanto como na charneca.

Por todas as terras, da mais pobrissima à mais abastada, muitas festas. As toiradas eram obriga-torias; mas a maior parte das vezes, os toiros não prestavam. O grande cavalleiro d esse tempo era o Infante D. Duarte. El-rei sahía tambem ás vezes a tourear.

Eram divertimento de todos as graças do Cou-to, as tolices do Lopo Roiz, as atrapalhações do Alferes-mór.

D. Sebastião não desgostava de judiar e esta pequenina anedocta, alegremente contada por Cascão, bem o demonstra:

«El-rei se recolheu e mandou sahir outros toireiros, que foram D. Pedro de Menezes, D. João



CONDE DE S. MARÇAL (Copia de uma photographia)

de Castro, Christovam de Tavora, o qual sahiu em alguns cavallos do sr. D. Duarte, e o Alferes-mór em um cavallo de El-rei, que fóra seu, castanho e quatralgo, o qual era muito ardego e de-pois assocegado. El-rei o gabou muito ao Alferes-mór, e por não o conhecer lhe mandou tingir os brancos dos pés, o qual tanto que se pôz n'elle no terreiro, em vendo o toiro começou a dar sal-tos e fazendo corcovas, e vendo o o Alferes-mór, se desceu d'elle muito depressa. El-rei lhe man-dou que se tornasse logo pór a cavallo, não obe-deceu a dois recados, e mandou-o chamar, e mandou-o subir no cavallo, o qual tornou a fazer seu officio, o que vendo, se deitou de cima d'elle tão depressa, que visto dos rapazes e da mais gente, lhe deram uma valiosa apupada e muito grande grita, de que El-Rei não recebeu pouco gosto, nem riu menos. E o Alferes-mór disse muito agas-tado que havia de ir viver á Moscovia; mas, até agora, não é partido para lá, nem partirá, emquanto durar a jornada.» Passou-se o caso em Almodovar.

Vê-se que o Alferes mor não era muito das sympathias do chronista. O pobre homem era um desastrado. Nas caça-

das não era mais feliz. Prova-o um caso passado

em Odemira,

«Estando El-rei a cavallo lhe deram rebate de ser o porco sahido e vir contra o rio. El-rei se embarcou muito á pressa, e com muita mais veio o porco demandar a agua; metteu-se em um lao porco demandar a agua; metteu-se em um lamarão, os cães pegaram com elle, feriu trez muito
mal. El-rei lhe fez um tiro com a espingarda e
passou-o de parte a parte. O porco remetteu com
grande furia ao batel que ia remando para cima,
e o porco vinha para baixo. Encontraram-se, e o
Duque, posto de joelhos na prôa do batel com
uma lança nas mãos, com a qual lhe deu uma
lançada pelo sangradoiro, tão extranha que lhe
veio sahir o ferro e parte da hastea por entre as
côxas. O porco mettido na lança se mergulhou, e
o Duque teve n'ella até tornar acima, deitan-lo
grandes espadanas de sangue. Sancho de Toar
acudiu com um gancho e ferrou no porco pelo
dente; ia-se-lhe escoando e bradou ao Duque
que o tivesse com a lança e tornou a ferrar por que o tivesse com a lança e tornou a ferrar por um olho. O Duque deixou a lança e deitou-lhe um laço de corda com que o metteram no batel.»

Temos portanto o porco varado por uma bala, atravessado por uma lança, fisgado por um olho e ainda em cima enforcado.

Entra em scena o Alferes mór.

«Ao Alferes mór cresceu a cobiça de dar uma lançada no porco, que estava já no batel e morto, levantou a lança e, errando o porco, . houvera de acertar no Duque !»

As reticepcias e o ponto de exclamação esta

As reticencias e o ponto de exclamação são nossos. O chronista, em se tratando do Alferes mór, não havia já coisa que o espantasse.

Em caçadas houve, além d'estas, mais algumas infeligidades comiças como por avermolo a de

infelicidades comicas, como, por exemplo a de

«Depois de jantar lhe vieram dizer dois homens que tinham um porco emprasado. Poz-se a ca-vallo e partiu com tenção de o montear. Poz-se El-rei a uma parte ao longo de um corrego para lhe fazer tiro a uma bésta. Fez-se a bátida, que, durando um pedaço, não sahiu, porque os cães deram na moita, e com grande traquinada fizeram sahir um muito boi reverendo, do qual os homens fizeram porco; que, passando alli acaso e vendo rasmalhar na moita e não lhe achando

sahida, houveram que era porco».

Accrescenta o Cascão que El-rei gostou muito do acontecimento.

O sombrio rei D. Sebastião, tão discutido ultimamente, até por quem da historia não sabe uma só palavra, gostava, como todos, de rir o seu bo-cado. A chronica do Cascão é preciosa e n'ella a figura do rei apresenta-se-nos em desacôrdo com muito vulgares opinióes. D. Sebastião pelava-se

pela caturreira.

pela caturreira.

Em Odemira «depois da ceia teve um auto de castelhanos... Ouviu só com dois outros fidalgos da guarda. Podia-se ver, mas El rei lhes fez travessura e lhes deitou o Couto, que os desinquietou e um homem por nome Pero Dias, que até agora esteve no hospital. E' doido sem furia e a graça tem em ser echo de toda a pessoa e tornar a repetir tudo o que ouve. Se falam, fala; se riem, ri; se cantam, canta; e, se cantam a trez vozes, padece trabalho de querer imitar a toada a todas as trez, o que tambem lhe acontece em todos os gestos e meneios que vê fazer ás pessoas; não é artificio, mas a mais nova doidice que até hoje se viu. Aconteceu lhe estar no hospital muitos dias sem comer. Davam-lhe, não fazia conta d'elle. O Dr. Quevara, advertindo discretamente sua necessidade, deitou-se de bruços no chão perante elle, e começou a comer, o que

vendo o Pero Dias, fez o mesmo muito quietamente. Este e o Couto foram os melhores entre-mezes do auto, o Couto em o desgábar, o Pero Dias em o contrafazer. D'elles dará El-rei melhor

razão que do auto». Discursos houve-os demais, a não ser em Serpa, onde o vereador esmoreceu. Em Beja um clerigo em um pulpito fez a El-rei, diz o Cascão, «uma fala de pouca sciencia e pouca rethorica e por remate lhe metteu nas unhas a Asia conquis-

tada em menos tempo do que o eu escrevo».

El rei D Sebastião entrou no Algarve por Odesseixa, percorreu todo o littoral e voltou ao Alemtejo por Mertola, d'onde seguiu por Elvas a Villa Viçosa

Ao Cascão dá-lhe muito que fazer a fealdade das mulheres de Lagos. «As janellas estavam bem povoadas de damas, ou por melhor dizer, de muitas mulheres e todas muito feias, sem haver uma a que se possa pór outro nome. Ellas o são em tanto extremo, que nunca hei-de ver coisa que m'o assim parecesse». Chegando a Villa Nova alegrou os olhos por-

due «estavam as janellas cheias de moças e mui bem parecidas, tanto que houve janella que esta-vam sete irmás e todas formosas. Ellas m'o pare-ceram, se os olhos que viram as de Lagos me não mentiram».

Tão feias eram as outras...! Estou em que, a

este respeito, Lagos melhorou. Em Loulé tambem elle viu «moças muito bonitas pelas janellas, que não haviam inveja ás de Villa Nova.»

luxo não era por esse tempo tão constante em todas as casas, como muitos querem apregoar. Quando El-rei sahiu de Evora iam atraz do guião as bestas dos atabales paramentadas com gualdrapa e cabeçadas e retrancas de panno das côres de El-rei e borladas de branco e verde»; mas «não eram machos gordos, mas antes de aluguel e fra-

Receberam El-rei em Silves «e·n um palio de damasco amarello muito velho em extremo, tanto que havia muitos homens velhos que diziam que se acordavam d'elle des que se souberam entender e outros que mettiam seu pae na propria lem-brança. O pallio era da Camara e servia-lhes de, por o Espirito Santo, levarem n'elle os imperadores. O Estribeiro mor o deu aos moços da estri-beira que o venderam á propria Camara por cinco

O Cascão falla com certo respeito de Ruy Barreto que na Albufeira deu a todos os fidalgos...

reto que na Albuteira deu a todos os hdaigos...
marmelada e pucaros d'agua!

Extraordinaria foi a recepção que fez a El-rei
e a todos os fidalgos de comitiva o Duque de
Bragança nos seus paços de Villa Viçosa.

Fala o Cascão pasmado, confessando que o seu
fraco juizo não é capaz de particularisar tantas
coisas magnificas. A tapada, as casas, a quantidade de criados, as tapeçarias, os doceis de brocado, as iguarias variadas e abundantissimas, tudo
o maravilha. o maravilha.

Para terminar conta o seguinte que bem prova

a extraordinaria riqueza de que era possuidora n'esse tempo a casa mais opulenta da peninsula:
«Na Senhora D. Catharina se enxergou bem a grandeza de seu real animo, por que, pouco satisfeita de quantas mercês n'este dia fez, quiz com outra maior dar o remate a todas, que, tendo uma casa que é todo o seu mimo e seu regalo e gosto, extremadamente rica, assim na qualidade dos brincos como no concerto d'elles, rogou a Pero d'Andrade Caminha que da sua parte a offerecesse a quem d'ella quizesse alguma coisa, o que elle fez

com muita liberdade, pois, sendo prodigo do seu, não havia de ser avarento do alheio.

«A casa, como digo, foi offerecida, e os fidalgos entraram n'ella, mas houveram ser culpa desconcertar coisa tão posta por ordem; mas lá lhes ficou em que se aproveitassem, que, ainda que os brincos eram de prata e oiro, havia outras coisas de mór valia, extremadas luvas de ambar em grande quantidade, pastilhas e pivetes, offerecidos com tanta liberdade que pegavam aos homens e lhes faziam de tomar por força. E houve tal que tomou seis pares de luvas.»

Como os tempos mudaram! Mudaram os tem-pos e a qualidade das luvas.

Se o chronista Cascão lhe passaria alguma vez pela lembrança que havia de fazer um dia a chronica do OCCIDENTE!

João da Camara.



CONDE DE S. MARCAL

É-nos duplamente agradavel a tarefa de hoje-Proporciona se-nos o ensejo de prestarmos res-peitosa homenagem a um caracter nobilissimo, credor da mais alta consideração pela sua extre-mada bizarria e distincto cavalheirismo; offerece-se-nos ensejo de biographar um illustre indus-trial, cujo nome está vinculado indissoluvelmente á historia do jornalismo portuguez, e—o que é mais—ao extraordinario descrivolvimento da typographia em Portugal.

Singularmente affectos ao estudo das nossas industrias, á sua historia e progresso, desde ha muito que nos tinhamos imposto a horrosa empreza de esboçar o movimento typographico do seculo actual. N'esse trabalho avultava, como não podia deixar de ser, o nome do sr. conde de S. Marçal, illustrado proprietario da Typographia Universal e prestimoso co-fundador do popular periodico lisbonense Diario de Noticias.

Embora, como dissemos, seja dupla a tarefa que intentamos, o desempenho não é difficil, por-que elementos de incontestavel valor nos fornecem alguns estudos já publicados sobre tão inte-ressante assumpto. Não devemos deixar de esperessante assumpto. Não devemos deixar de especialisar o artigo em que o saudoso jornalista Eduardo Coelho traçou a biographia do seu socio na fundação e propriedade do Diario de Noticias, e que vem inserto no vol. I, pag. 890 do monumental Diccionario Universal Portuguez, editado em 1882.

D'esse artigo nos soccorreremos para as presentes linhas, como egualmente seguiremos os topicos biographicos que ácerca do sr. conde de S. Marcal, offerece o bem elaborado estudo do sr. dr. Alfredo da Cunha Eduardo Coelho, a sua vida e a sua obra. Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo, e que constituiu em 1891 o apreciabilissimo Brinde aos Senhores Assignantes do «Diario de Noticias».

Eduardo Goelho, no artigo referido, começou pe-lo seguinte considerando, cuja enunciação mos-tra a limpidez crystalina do seu espirito bom e

«A biographia dos homens que chegam a revelar-se na sociedade pelo producto exclusivo do seu trabalho, se abstrahirmos das luctas obscu-ras, dos sacrificios ignorados dos soffrimentos que muitas vezes um justo sentimento de digni-dade lhes não permitte publicar, e que elles ven-cedores corajosos, convertem no intimo em ou-tros tantos laureis do seu triumpho, escreve-se com as simples datas da sua vida e com a mera indicação das principaes phases da sua carreira, sem outros encarecimentos nem outros artificios.

É esse o registo que fazemos.»
Imitemos o chorado redactor-fundador do Diario de Noticias e summariemos as indicações que illustres escriptores citados nos apresentam.

O sr. Thomaz Quintino Antunes, Conde de S. Marçal, é natural de Lisboa, onde nasceu na freguezia de Santa Izabel. Filho de gente pobre, a distinctissima posição que hoje occupa na nossa sociedade foi devida ao seu laborioso trabalho. Quando a independencia tira assim a sua origem do trabalho honesto e honrado rodeia-a uma consideração a que nada poderá empanar o bri-

lho radioso.

A primeira aula que o nosso illustre biographado frequentou foi a do mallogrado professor de primeiras lettras mestre Felix, exaltado realista que, na noite de 21 de agosto de 1831, foi assassinado pelos revoltosos do 4 de infanteria, por occasião d'um movimento liberal.

Foi nas aulas da Congregação do Oratorio, no convento das Necessidades, que o sr. Thomaz Antunes continuou a sua educação litteraria, concluindo alli os estudos que formavam o denominado Curso de portuguez.

nado Curso de portuguez. Na sua auto-biographia, despretenciosamente traçada n'uma carta dirigida ao sr. dr. Alfredo da traçada n'uma carta dirigida ao sr. dr. Alfredo da Cunha, a qual este primoroso poeta e prosador inseriu no seu livro Eduardo Goelho e a sua obra, o sr. conde de S. Marçal conta, com delicada modestia e natural simplicidade, os primeiros periodos da sua vida:

«A 4 de abril de 1834, tendo apenas 14 annos de idade, entrei para a Imprensa Nacional, de que então era administrador Rodrigo da Fonseca Magalhães. A direcção do estabelecimento es-

ca Magalhães. A direcção do estabelecimento estava a cargo de Manuel Antonio Ferreira Portugal, homem grosseiro e irascivel que mal conhecia os processos typographicos, e que não tinha outros merecimentos senão o ter servido, como soldado, no batalhão dos Voluntarios da Rainha, durante a guerra da restauração constitucional. Orgulhoso e vingativo, tudo lhe servia de pre-texto para tratar os empregados como uma horda de escravos, sem mesmo poupar os que, por seus longos serviços, e pela sua avançada edade, tinham incontestavel direito a serem tratados com

mais consideração.»

Este individuo explorava escandalosamente os aprendizes, exigindo lhes toda a especie de ser-viços, os mais extranhos á typographia. Viu-se, viços, os mais extranhos á typographia. Viu-se, pois, o novel compositor forçado a sahir da Imprensa Nacional, de onde passou para o quadro typographico do jornal opposicionista A Guarda Avançada, redigido pelos tres irmãos Castilhos, Antonio, José e Augusto, conego da sé, e que se imprimia na typographia de Romão Rodrigues Costa, successor de Simão Thadeu Ferreira, um dos nossos impressores mais conhecidos e conceituados no seculo xviii.

N'esta officina declara o sr. conde, na carta al-

N'esta officina deciara o sr. conde, na carta al-ludida, haver encontrado prompta collocação com o vencimento diario de 480 réis. Embora a Guarda Avançada sahisse, por intri-gas da imprensa de Rodrigues Costa, o nosso biographado continuou alli, por um certo espiri-to de gratidão para com o proprietario. Este fa-cto é digno de nota pois exalça bastante o caracter diamantino do illustre trular.

Faltando o trabalho, teve que dirigir-se a outra officina. Deparou-se-lhe a typographia de Antonio Sebastião Coelho, onde logo encontrou emprego, compondo o *Independente*, diario que o visconde de Seabra e Antonio de Oliveira Marteca antão redigiam.

reca então redigiam.

Eduardo Coelho esclarece este ponto e acompanha-o de informações muitissimo interessan-tes para a historia technica da arte typogra-

Diz elle no citado artigo:
«Este jornal publicava-se n'uma typographia da
rua do Outeiro a S. Carlos.»

rua do Outeiro a S. Carlos.»

«A typographia estava então quasi na sua phase primitiva. Fazia-se uso quasi exclusivo do velho prelo de madeira; dava-se a tinta com as antigas balas; a impressão era toda feita a braços; os jornaes tinham uma tiragem propriamente para a familia; cada exemplar servia a numerosos leitores, se os artigos excitavam interesse. Foi a imprensa do Panorama, que n'esta época (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em Lisboa o uzo dos rolos.»

Terminando a publicação do Independente, pas-

sou o sr. Thomaz Quintino Antunes para a ty-pographia da Academia Real das Sciencias, tornando-se o compositor predilecto do erudito es-criptor frei Francisco de S. Luiz, e ahi se conser-vou até agosto de 1840.

Os annos que se seguiram constituem a quadra mais desgraçada da vida do honrado typographo. Preso durante 4 mezes, encontrou-se, quando livre, a braços com uma terrivel escassez de trabalho.

l'eve então logar um facto que muito abrilhanta a biographia do respeitavel industrial. Seja ainda um periodo da sua auto-biographia

o que aqui deixemos, porque o desvanecimento proprio não fica mal quando se possue a cons-ciencia immaculada de um homem de bem:

ciencia immaculada de um homem de bem:

"Por fortuna vagou por esta occasião o logar de director technico na typographia do Portugal Velho, e eu resolvi-me a diligencial-o. O Portugal Velho era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como Dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, Dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empreza do jornal pertencia a uma sociedade composta do Dr. Albino d'Abranches Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, Dr. Manuel José Fernandes Cicouro, e Dr. Alipio Freire de Abreu Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empreza. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para solicitar o logar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanquei ros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfaesse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanquei ros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus desejos, porque a empreza do jornal tinha deliberado não admittir empregado algum que não fosse da sua communhão política. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empreza havia tomado de só admittir quem fosse da sua confiança política, tinha obtido taes informações do meu caracter que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem differentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser objecto de segredo. Refiro este facto apenas por ser

mui honroso para mim.

«No dia seguinte entrava no exercicio do meu

«No dia seguinte entrava no exercicio do meu logar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquelles cavalheiros.»

Varias contingencias fizeram cessar a publicação do Portugal Velho.

O dr. Antonio Ribeiro da Costa Holtremam nomeou Thomaz Antunes administrador da typographia da Gazeta dos Tribunaes de que aquelle illustre advogado era proprietario com o dr. Antonio Gil, cavalheiros que foram dois dedicadissimos amigos do sr. conde de S. Marçal.

Mais tarde, adquiriu o dr. Holtreman a propriedade da Revista Universal Lisbonense, notavel publicação litteraria fundada em 1841 por Castilho, e a qual durou até junho de 1853, tendo sempre a direcção technica do mesmo artista. A revista foi redigida por Castilho até á epocha em que elle partiu para S. Miguel, onde fundou o Agricultor Michaelense, ficando substuido por José Maria da Silva Leal. Passado tempo a propriedade da revista passou para Sebastiao José priedade da revista passou para Sebastião José Ribeiro de Sa, que comprou a typographia do Panorama, propriedade então de Santos Mon-Panorama, propriedade então de Santos Mon-teiro, e a juntou á imprensa da Gazeta dos Tri-bunaes, ficando director do estabelecimento o sr. Thomaz Antunes. Em 1854, Ribeiro de Sá, asso-ciado com Rebello da Silva, comprou a Manuel Patricio Alvares a já então denominada Typo-graphia Universal, a que se reuniram outras im-prensas dos dois socios. Para o grande estabele-cimento foi nomeado administrador o sr. Tho-maz Quintino Antunes, que pouco depois, em 1855 maz Quintino Antunes, que pouco depois, em 1855 o veiu a adquirir por negociações com um dos ul-timos proprietarios chamado Albano da Silveira

O edificio d'esta officina tem tradicções historico-industriaes apreciaveis. Segundo díz Eduardo rico-industriaes apreciaveis. Segundo diz Eduardo Coelho, já alli em 1740 se imprimiam livros Era typographia do tempo da primeira invasão franceza, sendo alli a antiga officina Morando, que depois passara a Eduardo de Faria.

Com fortuna propicia, bem depressa a Typographia Universal se collocou na altura que lhe competia nos progressos da arte de imprimir.

Muitos eram os trabalhos que alli affluiam. O seu novo proprietario, adquirindo novas machinas e reformando o material, conseguiu tornar-se muito apreciado.

muito apreciado.

«Entre esses trabalhos, escrevia o sr. conde na carta citada, contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador* que defendia a politica do conde Thomar. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era o redactor principal : a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi alli que pela primeira vez nos conhecemos, e tra-vámos a mais cordeal e affectuosa amisade, que durou até á sua morte, e que ainda vive na pro-funda saudade que consagro á sua honradissima

«D'este convivio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle, a 20 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do Diario de Noticias. O publico applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou todo e con a religion protección contra a qual teamsi applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou to-da a sua valiosa protecção, contra a qual teem si-do sempre impotentes os tiros com que, em dif-ferentes epochas, tem tentado aggredil-o a male-volencia e a inveja. Deve a isto o Diario de Noti-cias a sua constante prosperidade, que, ainda as-sim, não seria talvez tão completa se não fosse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo, houvesse entre nos uma unica nota discordante.»

Podiamos terminar n'este ponto, pois nos es-

Podiamos terminar n'este ponto, pois nos es-casseia espaço, ás linhas que traçamos. A trans-cripção ultima refere bem claramente a immor-tal obra «fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos» como Eduardo Coelho escrevia em 1870, da fundação e orientação do Diario de Noticias, e dispensa-nos pois de maior

alongamento.

Pelo que deixamos escripto, segundo os trabalhos publicados, bem se avaliam os dotes de intelligencia e de caracter que distinguem o sr. conde de S. Marçal.

Os seus serviços são tão relevantes, que fecharemos agora enumerando as graças honorificas que lhe teem sido concedidas, não por solicitações officiosas, mas sim por espontanea distincção dos altos poderes do Estado.

Eis a nota d'esses titulos:

Por diploma de 3o de junho de 1869, inserto no Diario do Governo n.º 200, de 4 de setembro, foi agraciado com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Recebeu o titulo de visconde de S. Marçal, por diploma de 20 de agosto de 1885, publicado no Dia-

rio do Governo n.º 189, de 26 de agosto; e foi elevado a conde de S. Marçal, por diploma de 7 de novembro de 1891, inserto no Diario do Governo, u.º 254, de 10 de novembro do mesmo

Ainda outras distincções civicas tem recebido dos eleitores de Lisboa, sendo em 1878 eleito para a Junta Geral do Districto.

O sr. conde de S. Marçal é pois um cavalheiro de altas qualidades, e muito nos lisonjeamos, em ter occasião de acompanhar o seu retrato com estes apontamentos deveras desvanece-

Esteves Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

DE VOLTA DA «SOIRÉE»

Este quadro de Vaamonde prima pela simpli-

cidade e pela verdade. Quantas vezes a scena que elle representa se terá dado com as nossas gentis leitoras, que ao regressarem a casa, de um passeio ou de uma soiree encontram o Charmant ou a Girofle a recebel-as ás marradinhas, muito contente, com de-licadas meiguices de gatos que se presam e a que suas donas correspondem com requintada amabilidade.

De todos os animaes domesticos, os gatos são os mais estimados pelas meninas e pelas creanças, apesar de uma ou outra vez mostrarem as garrasitas da sua raça felina.

Mas o Charmant não tem unhas!

Não é assim, gentil leitora?

BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

Vamos fazer uma rapida descripção d'alguns insectos, vulgarmente chamados borboletas e que

os naturalistas denominam lepidopteros.
rieris brassicæ(1) — Vulgarissima. — Azas brancas, as superiores com a base e o bordo externo um pouco escurecido e o angulo externo bastanten ponco escurectado e o anguno externo bastante negro; as inferiores com uma mancha negra no bordo anterior. A femea representada na estampa n.º 1 differe do macho em ter nas azas superiores mais tres manchas negras, duas arredondadas dispostas em linha perpendicular ao bordo posterior e uma em forma de tira junta a este ultimo.

Vôa na primavera e outomno e a lagarta encontra-se na couve—brassica oleracea e outras cruciferes em pequenos grupos

feras, em pequenos grupos.

PIERIS NAPI (2) — Azas brancas, as superiores tem
a base um pouco acisentada e o angulo externo
negro. Distinguem-se os sexos pelos mesmos caracteres que a especie precedente.

Vôa na primavera e verão e encontra-se no na-bo, resedá, etc.

ANTOCHARIS EUPHENO (3) - Azas amarellas com uma linha central um pouco escura; as superio-res tem o angulo externo alaranjado com estrias escuras. Voa em abril e maio e a lagarta encontra-se na

biscutella ambigua.

THECLA BETULÆ (4) — Azas escuras. As superiores, no macho, tem duas pequenas manchas amarelladas e na femea representada na estampa n.º 4 apenas uma. Vôa em julho e agosto e a lagarta vive no abru-

THECLA RUBI (5) — Azas pardas um pouco brilhantes. Macho e femea são muito similhantes.

Vôa de março a maio e a lagarta vive em di-

versas plantas, silva etc. POLYOMMATUS PHLÆAS (6) — Azas superiores pardas com o disco amarello dourado, semeado de pontos pretos, as inferiores escuras com uma tira marginal amarello escuro, debruado d'uma linha avermelhada em arcos.

Võa em abril, agosto e setembro e a lagarta vi-

ve no rumex acetosa.

POLYOMMATUS VIRGAUREÆ (7) — Azas d'um ama-rello dourado muito brilhante com uma pequena cercadura negra, recortada na parte interna das azas inferiores. Võa em maio e julho e a lagarta vive no soli-

dago virgaurea.

EYCÆNA CORYDON (8) — Azas d'um azul pratea-

do brilhante, com uma cercadura negra bastante larga, orlada d'uma franja branca; por dentro da cercadura ha muitos pontos negros.

Vôa em julho e agosto e a lagarta vive no trifolium, lotus, etc.

LYCENA ARGIOLUS (9) — Azas pequenas, delicadas, d'um azul violeta palido, com uma fina cercadura em franja. A femea tem uma ordem de pontos negros no bordo externo das azas.

linha preta e com uma tira da mesma côr ornada de lunulas azues. A superior tem seis manchas pre-tas, 3 costaes, grandes, separadas por tiras amarel-las tendo uma mancha branca no angulo externo e as outras 3 discoidaes sendo a inferior maior e amarella na parte externa; as duas restantes mais pequenas e arredondadas. As inferiores angulo-sas em metade do bordo externo, tendo base ne-

As azas tem as côres amarello torrado, amarello claro, negro e azul bellamente combinadas.

das.

VANESSA ANTIOPA (13) — As azas são pardacentas tendo no bordo marginal duas largas orlas, a externa amarello claro e a interna preta com lunulas azues; as superiores tem o bordo externo ligeiramente amarellado com duas manchas amarellas mais proximas do angulo externo.



DE VOLTA DA «SOIRÉE» - QUADRO DE VAAMONDE

Vôa em maio, julho e agosto e a lagarta encontra-se na hera—hedera helix, rhamnus frangula, etc.

etc.

LIMENITIS CAMILLA (10) — Azas ligeiramente sinuosas e escuras com tiras e manchas brancas, que se tornam maiores no macho.

Vôa em junho, julho e agosto e pousa de preferencia nas flôres das silvas. A lagarta vive na madre-silva, lonicera-caprifolium.

VANESSA URTICAE (11) — Azas d'um amarello torrado, com uma orla pardacenta, cortada por uma

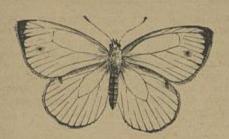
A femea é um pouco maior e as tiras amarellas

A femea e um pouco maior e as tiras amarellas maiores.

Vôa no verão, e a lagarta vive nas ortigas.

VANESSA io (12). — Esta bonita especie, conhecida tambem pelo nome de pavão do dia vôa desde maio a setembro e deixa-se capturar facilmente quando pousada nas flôres. As lagartas vivem em sociedade, nas ortigas, de junho a setembro, das quaes algumas dão origem a borboletas que hibernam para reapparecerem na primavera sehibernam para reapparecerem na primavera seVôa em julho e setembro e algumas hibernam como a especie antecedente, reapparecem no verão immediato com a cercadura amarella das azas inteiramente branca. As lagartas vivem em sociedade nos ultimos ramos dos salgueiros, alamos, etc.

VANESSA ATALANTA (14).—É muito vulgar. As azas são pardas. As superiores tem uma larga fita avermelhada a partir do bordo externo para o anplo interno. No angulo externo tem uma mancha azul e junto ao bordo externo umas manchas



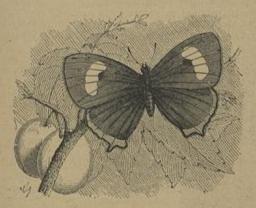
2 — Pieris napi



ı — Pieris brassicæ



3 — Antocharis eupheno



4 — Thecla betulæ



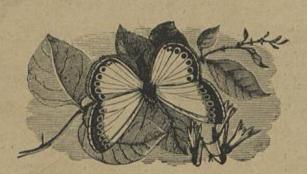
5 — Thecla rubi



6 — Polyommatus phlæas



7 — Polyommatus virgaureæ



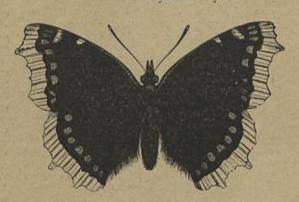
8 — Lycæna corydon



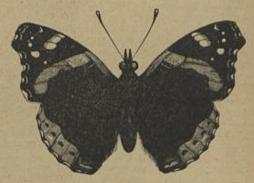
9 — Lycæna argiolus



11 - Vanessa urticæ



12 — Vanessa io



14 — Vanessa atalanta



10 - Limenitis camilla



15 — Vanessa cardni

brancas sendo uma maior. As inferiores tem em quasi toda a extensão do bordo marginal uma larga cercadura evermelhada com pontoações ne-

Voa de abril a outubro e a lagarta encontra-se solitaria nas ortigas, escondendo-se n'uma ou mais folhas reunidas por alguns fios de seda, onde

muitas vezes se transforma em chrysalida.

VANESSA CABURI (15).— É muito commum. As azues tem as côres preto e amarello torrado em dous tons. Nas superiores ha mais umas manchas brancas proximas do angulo externo e mais para a base uma mancha alaranjada. Nas inferiorado em contra en co

res junto ao angulo anal umas meias luas azues.

Voa em maio, julho e setembro e a lagarta vive solitaria no cardo e malva, mettendo-se n'uma tea, que ella propria tece, tendo o cuidado de nunca a fechar de todo, para d'alli poder comer o parenchima das folhas, que lhe ficam proximas.

Uma tourada real, no reinado de D. João V

Em um manuscripto antigo, existente na Bibliotheca publica do Porto, faz-se uma curiosissima
descripção das touradas que tiveram logar em
Lisboa, no Terreiro do Paço, e que constituiram
uma parte dos festejos que então se realisaram
por occasião do casamento d'aquelle monarcha.

A armada em que veio a noiva de D. João V
chegou á barra de Lisboa em 26 de outubro de

O manuscripto a que nos referimos tem o seguinte titulo:

*Relação e breve compendio da entrada da Se-renissima rainha de Portugal, D. Maria Anna Josepha, Antonia de Austria, filha do imperador Leopoldo Ignacio 1.º de nome, vindo a casar com D. João o 5.º, filho de el-rei D. Pedro o 2.º, com a noticia das festas de touros feitas no Terreiro do Paço, da cidade de Lisboa. Escriptas por um curioso que em todas as occasiões se achou presen-te, observando as circumstancias com toda a indi-vidualidade, no anno de 1708.» vidualidade, no anno de 1708.»

Segue a descripção: Para a celebridade d'estes reaes desposorios se fizeram varias festas, entre as quaes foi uma a de tres dias de touros, para o que se fizeram os pa-lanques pintados de verde, guarnecidos de ouro com piramides entalhadas e simalhas nos remates de cima; poz-se o mastro para um canto da praça, costumando-se sempre por-se no meio, e foi a primeira vez que isto se fez. Armaram os tribu-naes os seus palanques maravilhosamente e o da Relação poz por remate no seu a figura da Justiça e foi a primeira vez que vi a Justiça na Relação. Estava esta com uma espada em uma mão e na outra umas balanças, annunciando a rectidão e a egualdade com que devem portar-se os ministros. Era n'este tempo Regedor da Justiça o conde de Aveyras, João da Silva Tello de Menezes.

Foi o primeiro dia de touros o dia 15 de novembro de 1708, á quinta feira. Em primeiro lumas entraram na praca vinte carros triumphantes.

vembro de 1708, á quinta feira. Em primeiro lugar entraram na praça vinte carros triumphantes feitos por admiravel architectura, de figuras e pinturas, cousa muito vistosa: dividiram-se dez para um lado e dez para outro, e como os dias eram pequenos, vieram suas magestades para a sua varanda pelas dez horas; logo que chegaram, aballaram os vinte carros a aguar o corro, passando uns pelos outros por modo de dança, que esteve muito galante a forma com que se trocavam: acabado isto entrou o meirinho da côrte com seis lacajos vestidos de pano encarnado e véstias eis lacaios vestidos de pano encarnado e véstias brancas; fez as cortezias e poz-se em seu lugar para receber as ordens

Entrou logo o capitão da guarda, D. Philippe de Souza, com doze lacaios vestidos de pano en-carnado, véstias de primavera verde, fez as corte-zias, e lançaram os archeiros o povo fóra do corro, de modo que ficou a praça sem impedimento. Sahiu o primeiro touro e logo entraram quatro mullas com as caixas das garrochas, onde em cada canto da praça poz cada uma a caixa que trazia e vinham cubertas todas com reposteiros azues zia e vinham cubertas todas com reposteiros azues com as armas do conde de Rio Grande, Lopo Furtado, que foi o primeiro cavalleiro, o qual entrou a fazer as cortezias em um cavallo preto com a crina de fitas de tella de prata. Trazia vinte e quatro creados vestidos de casacas de damasco amarello com flores de ouro, e dous presos para lhe lhe darem as garrochas, vestidos de velludo carmezim e véstias de primavera branca.

Foi esta tarde enfadonha, porque o conde foi mal succedido, pois a primeira sorte lhe esbarrou

mal succedido, pois a primeira sorte lhe esbarrou o cavallo, e quasi que o teve no chão. Livrou-se da queda, perdeu uma estribeira, levou o touro á

espada, mudou de cavallo e na segunda sorte que com o que taouxe, lhe cahiu e foi a pé matar o touro á espada, a que sahiu toda a fidalguia acudindo-lhe para o livrar de alguma descompostura. Montou e mudou de cavallo e passada gumas sortes, perdeu uma estribeira; quiz levar o touro á espada, á primeira cutilada cahiu-lhe a espada da mão, não matou de uma só cutilada ou garrochada, touro algum e só dois fôram de diversos; dillatava-se muito quando sahia fóra e a maior parte da tarde andou no cavallo das cor-tezias, porque os outros não se chegavam bem

O meirinho da côrte levou tambem seu boleu do cavallo abaixo, porque lhe arrebentaram as silhas e veio com a cella ao chão; finalmente muito mais cedo do que se esperava se despediu

cada á allemã com fitas côr de fogo entrelaçadas pelo cabello e entre ellas e o cabello tinha um monte de diamantes postos em varias diversidades, e quantidade de flôres de ouro. Seguiam-se logo os srs. infantes D. Francisco e D. Antonio e a sr. D. Francisca; o sr D. Manuel não assistiu por estar doente.

Por occasião d'asta tourada foi composta esta decima dirigida «A Lopo Furtado de Mendoça, conde do Rio Grande e Almirante da Armada real, em o dia que toureou de cima»:

O melhor cravo Almirante aos touros sahiu brioso sendo tanto de cheiroso quanto tinha de flamante, mas logo no mesmo instante a galla com que se viu na mesma praça a despiu que como cravo Furtado logo se viu desmanchado quando a folha lhe cahiu.

A estes versos veio a seguinte «Resposta á de-cima por um criado do conde de Rio Grande:»

SONETO

Se de alguma maldita infame Toga se viu em esta decima mal paga que vosso augusto nome iniquo estraga quando mais grita o mundo, a fama roga.

Deixae que brade a mal polida esvoga que mais de inveja, a ditta vos afaga porque esse rio o mar que estreito alaga em pelagos de assombros tudo afoga.

E se esta decima do Pegaço ronco foi, ou rincho, em seu lugar recolha do poeta sujo equivoco tão bronco.

Antes que d'estas más poesias colha que lhe responda esse Pao do tronco do cravo illustre que viu sem folha.

Em o dia 17 do mez de novembro se celebrou o segundo dia de touros. Chegaram suas magestades ás mesmas horas, veio a serenissima rainha com o mesmo vestido de tella branca e toucado, mas as fitas só eram verdes. Vieram os mesmos carros na fórma do primeiro dia e assim mesmo o meirinho da côrte com os mesmos creados; entrou depois a despaiar o capitão da marda entrou depois a despejar, o capitão da guarda real, o conde de Pombeiro, D. Pedro de Gastel-branco com vinte e quatro creados vestidos com casacas de veludo azul, véstias de lo amarello, chapeus presos, plumas amarellas e meias azues. Fez muito airosamente as cortezias e despejou o corro na fórma já dita. Entraram quatro mulas que traziam as caixas das garrochas cobertas com reposteiros de veludo verde com as armas do con-

de de S. Lourenço, que foi o segundo cavalleiro.
Sahiu o primeiro touro e logo veio o dito conde de S. Lourenço, Martim Affonso de Mello, fazer as cortezias; foi esta tarde admiravel, porque em tudo foi o conde bem afortunado, melhor succedido e muito diligente. Trouxe vinte e quatro creados vestidos de veludo carmezim, véstias de ló verde com flores de ouro, meias brancas, chapeus com plumas brancas e topes de fitas verdes e brancas nos hombros. Fez as cortezias em um cavallo preto com crina de fitas de tella de ouro. Perdeu algumas vezes a estribeira, de que levou alguns bois á espada, matou dous touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, fez muitas sortes, e tambem fez muitas com um lenço, tudo

com admiravel confiança, fortuna e brio; só teve o dissabor de lhe ferir um touro um cavallo branco em uma perna e levou este touro á espada; quando mudava de cavallo não fazia mais detença que a mudava de cavallo não tazia mais detença que a que se ha de mister para desmontar de um e montar em outro, porque assim como entrava em um para dentro, já na porta lhe ficava outro prompto e n'esta fórma mostrou ser incançavel. Despediuse ás Ave Marias, sendo infinitos os vivas e os applausos com que o festejou todo o povo.

Em o dia 21 d'este mez de novembro se celebrou o terceiro dia de touros. Chegaram suas magestades pelas onze horas, veio a serenissima rai-

brou o terceiro dia de touros. Chegaram suas ma-gestades pelas onze horas, veio a serenissima rai-nha com o mesmo vestido e toucado, mas as fitas eram encarnadas, e por cima dos hombros em fórma de triangulo, trazia uma palatina verde, bordada de ouro, que lhe estava muito bem. Vie-ram os mesmos carros na fórma referida, e assim mesmo o meirinho da córte. Entrou depois a des-pejar o corro o capitão da guarda real o almiran-te-mór, D. Luiz Innocencio de Castro, com doze creados vestidos com casacas de pano azul, vés-tias de primavera encarnada, bandas brancas na cintura, com as pontas encarnadas, chapeus com cintura, com as pontas encarnadas, chapeus com plumas brancas, meias azueis, e topes de fitas brancas e azues nos hombros; fez muito bem as brancas e azues nos hombros; fez muito bem as cortezias e despejou-se o corro na fórma dita. Entraram logo quatro mulas que traziam as caixas das garrochas, cada uma para um dos cantos da praça, onde pozeram as caixas que traziam; estas vinham cubertas com reposteiros de velludo carmezim bordados a ouro, com as armas do visconde de Ponte de Lima, D. Thomaz de Lima, que foi o cavalleiro que toureou este dia.

Depois de morto o primeiro touro e segundo, veio o dito visconde fazer as cortezias. Foi esta tarde admiravel, porque este fidalgo se mostrou em tudo muito diligente, muito grande cavalleiro, muito valente e finalmente muito grandioso, pois a entrada não só foi muito vistosa, mas de

ro, muito valente e finalmente muito grandioso, pois a entrada não só foi muito vistosa, mas de muito custo, pelo que logo direi.

Entrou a fazer as cortezias em um cavallo preto com crinas de fitas de tella de ouro. Em primeiro lugar levava em uma fileira á vanguarda, diante de si, doze homens brancos vestidos de casacas de veludo branco, vestias de ló encarnadas, chapeus de plumas brancas e iam n'esta fórma: adiante do cavallo quatro tocando flautas e para o lado direito d'estes iam outros quatro a tocar trombetas de prata e para o lado esquerdo outros tantos fazendo o mesmo; levavam as trombetas cada uma seu estandarte de damasco outros tantos fazendo o mesmo; levavam as trombetas cada uma seu estandarte de damasco carmezim bordadas de ouro com as armas do visconde. Seguiam-se logo vinte pretos em duas fileiras. dez para o lado direito e dez para o esquerdo, vestidos com peitos espaldares prateados, capacetes do mesmo com pulmas brancas, os braços nús e n'elles algumas manilhas de pennas e levavam ao redor de si um sendal de ló carmezim com flóres de ouro que lhe chegavam da cintura até aos joelhos, guarnecidos de rendas de ouro, borzeguins de couro gemado com maravalhas de prata cada um d'elles. Levavam arco e flecha e aljava prateada; e sobretudo levava cada um preso no braço direito pendente de uma fita encarnada, uma carta por d'onde o de uma fita encarnada, uma carta por d'onde o visconde, d'aquelle dia para sempre, os dava por livres e forros, que para este effeito os comprou todos.

Fez as cortezias soberanamente e quando o Fez as cortezias soberanamente e quando o cavalleiro recuava, estavam os pretos todos já postos de joelhos, até tornar a fazer a marcha. Feitas as cortezias ás pessoas reaes e damas, fez tambem na mesma fórma publicamente uma cortezia á viscondessa sua mulher, que estava em um camarote para a banda do mar, junto ao forte, e isto não fez nenhum dos outros cavalleiros, tendo tambem suas mulheres na mesma praça. Fóra esta tarde por todos os modos felicissima, se lhe esta tarde por todos os modos felicissima, se lhe

esta tarde por todos os modos felicissima, se lhe não cahira uma vez o cavallo.

Teve o visconde pelo meio da tarde touros crueis, de grandes e ferozes; um d'elles a uma sorte lhe feriu o cavallo, estando elle empunhando a espada para assim o matar, investiu segunda vez o touro ao cavalleiro com tanta ferocidade que o fez cahir, e mal estava o cavallo em o chão, já o visconde estava a pé pegando no mesmo touro ás mãos; accudiu toda a fidalguia e mais gente para que não houvesse alguma descompostura, e matando o touro, montou em outro cavallo que o conde de S. Lourenço lhe foi buscar e troxe pessoalmente pela rédea a bom correr, que foi muito grande fineza pela publicibuscar e troxe pessoalmente pela rédea a bom correr, que foi muito grande fineza pela publicidade em que se acharam estes principes. Depois d'isto matou tres touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, e a um d'estes lhe metteu a lança por uma espadua e lhe sahiu abaixo por entre as mãos, por onde lhe corria uma brecha de sangue notavel. Nunca perdeu a estribeira ininvestindo alguns d'elles notavelmente; foi ultimamente investido de um touro, de sorte que tomando o cavallo medo se desviou depois de feita a sorte, mas repetindo logo o touro em buscal-o por detraz, o cavallo lhe deu dois couces na testa e levou uma carreira de galopes tão feros, que so a muita valentia do visconde e sciencia de cavalleria deu a monstrar, que só cahindo o cavallo, podia sahir o cavalleiro, pois de outra sorte era impossivel porque o livrar elle de o cavallo o expulsar fora de si n'esta occasião, pareceu cousa sobrenatural.

Despediu-se o visconde ás Ave-Marias, e em Despediu-se o visconde ás Ave-Marias, e em toda a tarde não lhe foi necessario puxar pela espada, mais que na occasião da queda que o touro lhe feriu o cavallo, ficando n'ella muito airoso e valente porque foi o primeiro que pôz as mãos no touro, como já disse; nas sahidas fóra tambem se não dellatava, porque tambem tinha os cavallos promptos á entrada da porta, mostrando n'esta fórma ser incansavel; festejou-o o povo, á sahida com muitos vivas e applausos. povo, á sahida, com muitos vivas e applausos.

Por transcripção, Manuel M. Rodrigues.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XV

(Continuado do n.º 674)

Transposto o estreito a que Magalhães chamou de Todos os Santos, como ficou dito, mas que um seculo depois era já conhecido por estreito de Magalhães (1), e entrada a frota no mar do Sul, estava ainda assim bem longe o termo da penosa viagem, pois que não lhe faltaram perigos e trabalhos que passar.

Não foram as tempestades que difficultaram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes n'aquelle mar, e tanto que estes lhe chamaram mar Pacifico, que ăinda hoje conserva; mas a propria miseria em que se viam, faltos de saude e de alimentos, sem encontrarem comestiveis nem poderem fazer aguadas nas ilhas a que iam abordando, despovoadas e desprovidas das coisas necessarias á vida.

D'esta miseria nos dá boa idéa Pigafetta quando descreve, como testemunha presencial, as necessidades e apuros em que se viram os navegantes:

«Comiamos bolacha, diz Pigafetta, que estava feita em pó, cheio de gorgulhos, que lhe tinham absorvido a substancia alimentar, com um sabor acre detestavel da urina de ratos de que estava empregnada. A agua para beber era por egual pôdre e amarga. Para não morrer de fome vimo-nos obrigados a roer o coiro que forrava a verga grande e que impedia que a madeira desgastasse os cabos; era, porém tão duro o coiro, exposto a agua, ao sol e aos ventos, que precisava estar de molho no mar quatro e cinco dias,

para ficar um pouco mais macio, pondo-o depois ao lume, e assim o comiamos. Muitas vezes vimo-nos na necessidade de comermos serradura de madeira; e os ratos, tão repugnantes ao homem, chegavam a ser o alímento mais apetitoso, pagando-se até por meio ducado cada um.»

Mas ainda não era tudo. Maior desgraça nos veio atacar, a de uma entermidade que consistia em nos inchar as gengivas cobrindo completamente os dentes de ambas as mandibulas, a ponto de que os atacados d'aquella doença não podiam tomar nenhum alimento (1). Além dos mortos, cahiram doentes vinte e cinco a trinta marinheiros, com dores nos braços, nas pernas e por outras partes do corpo, mas que emfim se curaram.

Pela minha parte não sei dar bastantes graças a Deus, por durante este tempo e entre tantos doentes não ter tido a menor

Não bastavam, porém, tantas provações aos ousados navegadores, porque, quando pensavam encontrar os viveres e refrescos de que tanto careciam, vendo aproximaremse de umas ilhas, em volta das quaes navegava grande quantidade de barquinhos tripulados, depararam com bandos de selvagens, que assaltando os navios, pretendiam roubar quanto podessem. Foi necessario repellil-os á viva força e disparar sobre os barcos tiros de artilheria. Só depois d'esta recepção é que os navegantes poderam entrar com elles em commercio, trocando bagatellas que levavam por alguns poucos viveres.

Depressa largou a frota d'aquellas ilhas e Magalhães as denominou ilhas dos Ladrões, com que ainda são conhecidas, chamandose-lhe tambem ilhas Mariannas em razão das missões que n'ellas estabeleceu a rainha D. Maria Anna de Austria, mãe de Carlos II.

D'estas missões trata largamente o padre Gobien na sua Histoire des Mariannes, impressa em Paris em 1701.

(Continua). CAETANO ALBERTO.

-300-

FORMOSURA PORTUGUEZA

Conto histórico do tempo dos francêzes

As hostes aguerridas de Napoleão, o maior e mais extraordinário ambiciôso do mundo, nem sempre se cobriram de gloria marcial.

Vencêram ás vêzes e bastas vêzes, pelo prestigio da sua fama, que era a fama altisonante do seu chefe suprêmo, Argus de cem olhos, que viam para tóda a parte, gigante de cem membros, que se estendiam miraculosamente, assolando aldeias, cidades e paizes.

se estendiam miraculosamente, assolando aldeias, cidades e paizes.

Ao soar das tubas guerreiras, ao contar da lenda, resadôra de um podêr, que tôdos supunham mais forte, entibiavam-se os animos, vergava-se a diplomacia, sucumbiam, abstracta e por vêzes cobardemente, governantes e governados.

Portugal, pela imprevidencia da sua política exteriôr, pela falta de vigilancia fronteirica e pela cobardia execravel da sua côrte, deu de tudo isso uma amostra tão deploravel como funesta.

Na travessia de Hespanha, como é sabido, em 1807, época da primeira invasão, Junot, o manhôso e elegante ex-embaixadôr de França, em Lis-

bóa, para tornar menos onerosa á população a passagem das suas tropas, retalhou-as em frações, dando-lhes, como ponto de junção, uma parte da

Beira.

Algumas d'ellas, porêm, extraviaram-se, sofrendo numerosas privações, tanto de esperar em
época invernosa, por caminhos mal indicados e
peiormente conhecidos.

Junot, ao transpôr a fronteira, por serranias e
despenhadeiros, não esperou os transviados, tamanha pressa tinha de chegar a Lisbôa, meteu
immediatamente as tropas n'essa direção, obrigou as a marchas forçadas, e não se importou sequer de que novas frações se extraviassem, em
virtude do estropiamento, má alimentação e outros sofrimentos, devidos ao rigôr da estação.

Ao entrar, portanto, em Abrantes, a 25 de novembro, vinha apênas á frente de uns cinco mil
homens, exhaustos e desmantelados, semelhando
mais uma guerrilha fugitiva do que uma hoste invasôra.

Testemunhas oculares asseveraram que mui-tissimos soldados, abordoando-se ás armas inuti-lisadas, como se estas foram cajados, mal se podiam mexèr; que o maior número vinha faminto e descalço; e que, por esta ultima penuria, uma das primeiras resoluções do general Junot foi ordenar que os moradores da cidade, de que mais ao diante Napoleão o havia de tornar duque, se despojassem do calçado em favor da soldadêsca francêza.

Entretanto, diante d'este nucleo de gente can-Entretanto, diante d'este nucleo de gente can-sada, faminta e esfarrapada, que demais a mais se annunciára como amiga e pacificadóra, porque apênas nos vinha livrar dos inglêzes, ninguem se apresentou a tempo de lhe embargar o passo, quando, a simples pau e pedra, um pouco á ma-neira pastoril da extrêma antiguidade, á Viriato, se podia expulsar esta horda de aventureiros en-françuesidos a desirmanados. franquecidos e desirmanados.

franquecidos e desirmanados.

Muito ao contrário, dôis dias depóis da sua chegada a Abrantes, a 27 de novembro, el-rei e a sua côrte fugiam cobarde e vergonhosamente para o Brazil, afirmando pelo egoismo pessoal e pelo desanimo poltrão, que êste bêrço de heroes já não infantava senão vilões e liliputianos, que taes eram os conselheiros cortezãos, que, desasada e criminosamente, a tanto aconselharam e resolveram o regente.

O caso era tão deprimente, que até uma crea tura, nefasta para as simpatias e para o bem do paiz, se erguêra trovejante, n'um arranco espon-taneo de vibrante e justificada indignação, para o

maldizer e condemnar.

— Isto é uma cobardia inaudita! De que fugimos e para que fugimos? — gritava enraivecida a rainha Carlota Joaquina, com sêr o que era, ao por pé no navio, que ia conduzil-a ao Rio de Janairo.

— De que fugimos e para que fugimos ? Éste brado de indignação classifica perfeita-mente o acontecimento e os homens, que o promoveram.

Com a fugida de D. João IV, o briôso e velho Portugal velava a face; os cofres públicos ficavam exhaustos; consideraveis riquezas em ôiro, prata exhaustos, consideraveis riquezas em ono, prata e pedras preciosas do erario da côrte portuguêza, raridades e reliquias artisticas de principes e fidalgos; quadros, objectos numerosos de altissimo valór histórico, real e estimativo, e varios tesouros públicos e particulares saíam do paiz, na maxima parte, para não voltarem a elle, como não voltarem voltaram.

voltaram.

Afirma-o até, bem categóricamente, a insuspeita palavra de Pereira da Silva, conhecido historiador brazileiro, quando se refere ao facto nefando, que levemente esboçâmos.

Grandes e numerosas telas, profuso e rico mobiliario dos palacios de Mafra, Cintra, Queluz e Bemposta e de outras moradias regias, que actualmente acusam uma entristecedora penúria formante acusam uma entristecedora penúria. mente acusam uma entristecedora penúria, fôram joias, que se alienaram e perderam, e que fi-guram nas memórias da época e no criterio da gente de bom senso e no sentimento ultrajado de bom patriotismo como elementos ornamentaes d'essa calamitosa vergônha histórica.

Uma das frações tresmalhadas do exército francêz, por um imprudente desvio e falta de guia, realisando uma viagem tormentosa, fôi dar comsigo aos despenhadeiros da serra da Estrêlla, com surprêza do commando, que não soubera talvêz consultar o mapa, de que se fazia acompanhar.

O chefe, portanto, resolveu retrocedêr immediatamente, mas têve por melhor mandar um correio caminho de Lisbóa, onde era de supôr que ja funccionasse o quartel general; e, a pequênas marchas, em razão do estado da soldadêsca, con-

^{(&#}x27;) Esta doença é o escorbuto.

⁽¹) Alguna escriptores tem dito que este nome foi posto pelo proprio Magalhães e ainda Buzeta e Bravo assim o dizem no Diccionario Geographico Historico de las Islas Filipiaca, é, porâm, fora de duvida, que o estreito foi primeiro denominado de Todos os Sanfos, como vem na relação de Pigafetta e no Diario de Albo.

Nas estas geographicas e livros de geographia da segunda metade do seculo xvi já o estreito vem indicado com o nome do seu descobridor, e apenas consta de um anoto lavrado por Pedro Sarmento de Gamboa, quando atravessou o estreito em perseguição do Corsario inglez Dráck, elle denominou o estreito Mãe de Deus, em razão dos grandes perigos que passou para o atravessar, e de que felizmente sahiu a salvo, pedindo a Filippe II de Castella que lhe conservose a quelle nome em homenagem á Virgem que tão milagrosamente lhe acudira. Apesar d'isto Filippe II conservou ao estreito o nome do seu descobridor.

tornou a margem esquêrda do rio Alva, e tomou a direção de Coimbra, um dos pontos centraes e estratégicos, que Junot resolvera guarnecêr sem

demora.

D'essa pequêna legião, que se comporia de uns mil e duzentos soldados, quando muito, fazia parte, como adjunto e secretario do respectivo commandante, um joven capitão, que denominarêmos Adolfe de Juvat.

Oriundo da Bretanha, essa região de maravilhosas tradições cavalheirêscus, território, que ainda hôje atesta o seu brilhante passado feudal nas ameias dos vetustos castellos alcondorados á beira-mar ou nas ribas do Loire, tão povoado de lendas dôiradas e romanêscas, o mancebo descendia de uma familia nobre e aristocrática, que ao colorido dos pergaminhos juntára sempre, dêsde longuissimas datas, como timbre heráldico, o brilho da espada, ou da lança e adaga, cenforme os tempos.

Atraidos prodigiosamente pelos voos fenome-naes da aguia gigantêsca da Córsega, que preten-dia abrangêr sób as azas collossaes tódos os exer-

dia abrangêr sób as azas collossaes tódos os exercitos do mundo, muitos mancêbos de egual estirpe tomavam parte nas hostes francêzas.

É que Napoleão realisava nos tempos modernos o valôr e a fama dos provectos conquistadôres da antiguidade; e o seu exemplo era para seguir e imitar.

— A minha familia começa em mim!

— asseveram que êlle, erguendo muito a cabêça sugestora, respondêra sobranceiramente um dia aos que se fizeram eco de detractôres, que lhe farejavam nas origens rebentos humildes e nada régios.

— A minha familia começa em mim!

Sobêrba resposta de um homem tão magnifico! Nunca das alturas de um trôno imperial se pronunciou frase de maior sonoridade, nem de mais austera e nobre

sonoridade, nem de mais austera e nobre

fidalguia!

Efectivamente, entre os rebentos de um longo sangue, d'onde nasceu um tôlo, e as origens obscuras, que produziram um heroe, a preferencia racional e única é bem manifesta.

— A minha familia começa em mim!

Dá-nos vontade de estreitar n'um eter-

no abraço a sombra hercúlea de tamanho

vulto! E que a heráldica dos tempos modernos vae buscar a sua estirpe ao valôr pessoal, ao mérito literario, industrial, scientifico, commerciál e humanitário, como a dos tempos antigos, tão respeitavel como esta, a tomava dos campos de batalha ou do convivio principêsco.

Aos olhos de Napoleão, o grande, vê-se, pôis, que nobres e plebêus só eram grandes quando os merecimentos próprios os exalçavam á grandêza.

Por isso o acusavam de sobejamente descricionario na distribuição de posições, emprêgos e honras!

Por isso a fidalguia francêza, deslumbrada e pressurosa, corria a alistar-se nas fileiras dos seus exércitos, para progredir e engrandecêr-se, ou para tornar-se É que a heráldica dos tempos moder-

dir e engrandecêr-se, ou para tornar-se

simplesmente notada.

Adolfo de Juvat era um galhardo mancêbo de higode e cabêllos aloirados, olhos brilhantes e incisivos, testa espaçosa e cortada a meio por duas pequênas rugas, que denunciavam, quando crispadas ou entumecidas, um carácter enérgico e cavalheiroso, barba fendida, nariz aquilino, rosto oval e ar distincto, realçado pela elegancia do priforme.

uniforme.

Moralmente, sem deixar de sêr um tanto folgasão, reunia aos brios de homem de bem um encarnicado afecto ao seu paiz, que êlle julgava superior a tódos os paizes, como Napoleão cra, no seu conceito, superior a tódos os homens natos. Digno filho da sua amada Bretanha, se vivesse no passado, no tempo, em que se formaram as epopêas, mencionadas nos pergaminhos da antiga fidalguia, êlle, môço e briôso, enérgico e ambicióso, daria um óptimo paladino.

Ao atravessar os diferentes povoados da peninsula, que a soldadêsca francêza devastava, como epidemia assoladora, profanando até os edificios, consagrados ao culto da religião, que era a sua, de Juvat confrangia-se sempre que o commandante da legião fazia vista grossa a depredações e ultra-

da legião fazia vista grossa a depredações e ultra-jes, que seria facil evitar.

Estes sentimentos, que tão bem lhe ficavam na sua edade e na sua posição, annunciam-lhe clara-mente as qualidades de carácter, e põem-lhe a descoberto uma parte do seu bello coração.

111

Seguindo sempre a margem esquêrda da nas-cente do Alva, e trazendo diante de si o alarma, que afogentava tôda a gente, as tropas francêzas vieram têr a Arganil, onde acamparam por dôis

dias.

Parecendo ao commando que a margem direita, seria, como era, a linha recta para Coimbra, más não podendo transpór o volume das aguas, entumecidas pelas chuvas do comêço do mêz, perguntou se haveria por aquêlles sitios ponto ou viaducto, que favorecêsse a passagem sobre o rio.

Indicaram-lhe as visinhanças de Pombeiro, onde existia uma ponte româna (1) já bastante deteriorada, conhecida por a ponte do Valle do Espinho, em razão de estar collocada no sopé da aldeia d'este nome.

O lingua era um antigo criado francêz, que em 1805 estivera em Lisbôa, ao serviço do embaixadôr Junot, um mau intérprete por signal, com grande descontentamento do môço capitão, por onde corria o expediente, como secretário, que

era, do commando.

Juvat, como não tinha contacto com a gente das povoações, a qual fugia espavorida, não con-



13 - Vamessa antiopa BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

seguira ainda entendêr duas palavras juntas do

seguira ainda entendêr duas palavras juntas do portuguêz bárbaro do seu compatriota.

— Eu não percêbo nada d'isto, mãs creio que tu só pronuncias tolices — dizia Juvat ao seu lingua, mandando-o para o diabo em optimo francêz, quando qualquer negócio de aboletamento ou viveres redundava em disparate.

— Um dia, mando-te fuzilar, meu trapalhão — gritou-lhe êlle na ocasião da sua chegada a Pombeiro, ao sabêr que as tropas escusariam de ali têr ido para encontrar a ponte do Valle do Espinho, se o lingua percebêsse melhor o que lhe dissera o guia, tomado em Arganil.

E bom seria para Pombeiro e até para o autór d'estas linhas que os francêzes tomassem o caminho mais curto, pela povoação da Roda, e não acertassem com a terra de Pombeiro, que ainda hoje conserva um signal indelevel da sua passagem!

A marcha vagarosa, o extropiamento da solda-dêsca e as horas adiantadas da tarde aconselharam a paragem ali, procedendo-se pela nôite a

(i) A reconstrução d'esta ponte, de um só arco, ampla e solidamente feita da cantaria de Sabouga, deve-se ao nosso segundo tio, o estadista e jurisconsulto Julio Gomes da Silva Sanches, que, como dissemos, fazendo parte da nossa familia, passou em Pombeiro alguns annos da sua mocidade. Se não nos enganâmos, essa obra fêz-se em 1848, quando elle pela terceira vez, tomou parte no go-verno, como ministro da fasenda.

(Nota do Pombeiro da Beira).

um aboletamento dos oficiaes pelas poucas casas do povoado, e amontoando-se os soldados nos páteos, nos curraes, nos palheiros e no próprio adro da egreja.

odro da egreja.

Os principaes habitantes, que receiavam perdêr vida e havêres domésticos, haviam fugido, acarretando comsigo ou ocultando em esconderijos tudo o que de melhor possuiam.

Fôra d'este número o nosso bisavô paterno. José Manuel Corrêa de Araujo, que, apesar da sua illustração, póis era insigne poligiota e o homem mais sabedôr e abastado da terra, se deixara amedrontar por uma extraordinária impressão.

Logo que a noticia da chegada dos francêzes a

drontar por uma extraordinária impressão.

Logo que a noticia da chegada dos francêzes a Arganil se espalhou sinistra, Corrêa de Araujo chamou a ocultas um pedreiro, que julgava de sua confiança, mandou desladrilhar a sua vasta lareira, e fazêr-lhe a meio profunda cavidade, onde em pequênas arcas e caixotes se lançaram os principaes objectos, que formavam uma grande parte da abastança da época — dinheiro em metal preciõso, lõiças da India, pratas, alfaias e tôdas as miudêzas valiosas do seu erário doméstico.

(Continua .

Sanches de Frias.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Le Monde Moderne — Paris — Rue Saint-Benoit, n.º 5 e 6 — Paris — Août e Septembre—1897. O primeiro d'estes numeros da interes-

O primeiro d'estes numeros da interessante revista publica os seguintes artigos:

Le Disparu, por E. Estaunié. — Une Soirée che; un amateur d'affiches, por Alexandre Henriot. — L'Alpinisme, por Frédéric Loliée. — L'Enfance et la Vieillesse de Chateaubriand, por E. Lenotre. — Plages Normandes, photographias de A. da Cunha. — Belfort, par Paul Gsell. — Le Polisseur de pierres,, por Émile Hinzelin. — Les Revues d'Architecture à l'Étranger, por A. Quartin. — La France colonisatrice, por L. Sevin-Desplaces. — L'Ile de Sein, par Paul Gruyer. — Vieux Noms et Vieilles Rues, par Charles Rozan. — La Sécurité sur les Chemins de fer, par Louis Hégey. — Le Mouvement littéraire, por G. Mareschal. — Causerie scientifique, por G. Mareschal. — Causerie scientifique, por G. Mareschal. — Sein que é difficil estabelecer primasias, destacaremos o de A. Quartin e o de Charles Rozan. Este ultimo, Os nomes antigos das velhas ruas mostra-nos a razão de ser de muitas denominações curiosas das velhas ruas de Paris, e como se tem synthetisado no nome d'ellas muitas cousas interessantes. Um trabalho similhante referido a Lisboa seria muito conveniente para uzo dos se-

Um trabalho similhante referido a Lisboa seria muito conveniente para uzo dos senhores vereadores lisbonenses, que teem redobrado na sua faina inqualificavel de mudar os nomes ás ruas, obliterando da tradição os unicos vestigios de certos factos notaveis da historia da cidade.

Almanach illustrado do «Occidente» Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para 1808 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez. Desde já se recebem encommendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sél

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

Preço 200 réis, pelo correio 220

Pedidos á Empreza do Occidente, largo do Poço Novo - Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de 'A. E. Barata Rua Nova d Loureiro, 25 a 39